



CARTA A MANUCHO

Poema de Da Nirham Eros

Nota: Manucho é o apelido mais íntimo do escritor argentino Manuel Mujica Láinez, autor de uma obra imensa que compreende contos, romances, poesias, ensaios. Da Nirham Eros era o pseudônimo de Antonio Miranda. Eros e Manucho eram amigos desde que o brasileiro andou por Buenos Aires, em 1962, como bolsista do governo argentino e foi hóspede da família do grande escritor. A presente carta, em versos, é inédita embora parte de seus versos foram usados na composição da obra Tu País está Feliz, cinco anos depois.

Rio de Janeiro, 4.07.65

Prezado Manucho:

1.
No silêncio de meu quarto
a noite me surpreende,
me prende à vida o dever.
Ser o que de mim exigem
e ser o que de fato sou:
limitar os meus sonhos
à força das injunções;
pressões e azares tamanhos!
É caro o preço da vida.

Porque és meu amigo
contigo reparto meu mundo
farto de tê-lo só meu.
Não vai na oferta
a certa parcela das venturas,
antes a incerta e inglória
função do que, nada sendo,
divide o que virá a ser,
acaso fosse possível:
de teu crédito depende
metade da empresa.
De estímulos eu vivo.

O quarto me oprime
e eu evado nesta carta,
timbre de meu sonho.
Os sons da noite
e a memória amarga
do quanto não fui,
e de quanto quis eu ser
sem consegui-lo,
fosse por não lutar,
fosse por imerecer.

Chegou a hora das responsabilidades,
meu amigo,
chegou a hora de cobrar meu preço
na injusta balança do mercado.
Saio de meus sonhos
ao campo das evidências.
Porque sou, necessito.
É caro o preço da vida,
é forçoso pagar o preço que exigem.

No silêncio de meu quarto
saio em busca de meu sonho,
mutilado e torturado
na faina do cotidiano;
te encontro e te escrevo
“se estableció el puente”
para que não seja a noite inútil.

Meu “boa noite” eu te envio
porque mais não posso enviar,
mais pudesse, mais daria,
dar-me-ia inteiro, sem restos
e sem remorsos.

2.
Todas as responsabilidades

me dão:
sou cidadão, sou eleitor, sou reservista.
sou filho, irmão, amigo,
pago impostos,
direta, indiretamente
e me elogiam
quando faço o que mandam.

Sou antes os deveres
e de tal forma assim é
que perdô nos outros
o que não me perdô.

Não ficam aí, porém,
minhas responsabilidades,
elas crescem
por todos os lados,
dentro e fora de mim
e eu, passivamente,
me submeto
para subsistir.
A única responsabilidade que não tenho
é a de ter nascido
que todas as outras, advindas,
me pertencem.

Ah, como invejo os vagabundos,
os livres, os ateus, os verdadeiros ateus,
os apátridas, os celibatários
e os órfãos!
Podem escolher a quem amar.
Não acredito quando, à porta,
me pedem esmolas,
me pedem carinho,
me assaltam e me matam,
não acredito que sofram.
Se sofrem é que não são autênticos
vagabundos, ateus, apátridas,
órfãos e celibatários.

3.

No silêncio de meu quarto
escrevo-te,
prefiro falar a ti
que a mim mesmo.

O tempo soma em mim
responsabilidades
e quanto mais pago,
mais devo.

Morto, seguirei devendo.

Pelo menos, entre nós,
não hajam responsabilidades,
nem formalidades,
pelo menos.

Escreverei quando eu possa,
com bossa, com moossa,
escreverei o que sinto,
não o que agrada,
quando e quanto não importa.

Saiba porém que te quero,
te recordo

e se de ti eu perder contato,
se eu deixar de escrever
será porque já serei outro
ou outro serás tu.

Aceita o carinho desta carta,
dessa noite enorme
e desse sonho que vivo.

RESPOSTA DE MANUCHO

Manuel Mujica Láinez endereçou uma carta breve mas tão bem urdida, naquela letra manuscrita com caneta de bico largo, tão característica do grande escritor. O texto é o seguinte, **em versão portuguesa**:

Querido Eros

Sufocado pelas responsabilidades que em tua carta enumeras, custa-me reconhecer-te. Que te passa, ou melhor dito, que aconteceu contigo? Não se chega a uma mudança de frente como a que apregoas, sem uma rotunda razão. A imputação à idade, à experiência e a outras melancolias, se não porque desde que deixaste Buenos Aires, imaginei que sempre serias jovem, que sempre haveria dentro de ti – e também em tua envoltura – grandes zonas intactas. O curioso é que teu encanto (o encanto do que eras quando te conheci) hasteia na força de tua irresponsabilidade e na graça de tua responsabilidade. Já então, o estudioso que preparou a melhor monografia do concurso argentino, e o esteta preocupado com os mistérios letristas e eufônicos do “trigo-trem”, era um homem de óbvias responsabilidades. O irresponsável brotava de teu seguro parentesco com Puck. Assim é que não deves falar-me de responsabilidades como algo novo. Provavelmente, o que aconteceu é que terás sofrido grande desilusão, ignoro de que índole, e que isso rompeu o equilíbrio da balança em que os pratos do responsável e do irresponsável mantinham-se, como por milagre, no mesmo exato nível. E – se assim é, se não estou equivocado – de que ilusão se trata? Diga-me-o. Sabes que sou, de verdade, teu amigo.

Manucho. (28 de dezembro de 1965)

COMENTÁRIO FINAL

Não pretendo escrever aqui minha autobiografia. Por certo, toda esta parte de minha vida, incluindo a fase que vivi no Rio de Janeiro até meados da década de 60, o período que vivi em Buenos Aires e convivi com Manucho, assim como os anos seguintes, está relatada na obra MANUCHO E O LABIRINTO, editado pela Global, de São Paulo.

Caberia apenas ressaltar as condições em que a carta-poema foi escrita. 1965 era uma época difícil para os brasileiros por causa da violência da ditadura militar. Estava desempregado, meu pai recolhido a um hospital com câncer na garganta. Eu temia ser preso por causa dos artigos e poemas que publicara, principalmente na imprensa clandestina de esquerda.

Eu vivia uma situação complicada porque não havia completado o curso secundário (o segundo grau). Havia cursado três anos numa escola agrícola e não tinha como obter a equivalência. Era autodidata desde 1953. Frequentava cursos que não valiam para ingressar na universidade.

Tive que enfrentar o curso “madureza”, um programa pioneiro de recuperação, e fiz os estudos praticamente sozinho, nos livros de bibliotecas públicas e na Biblioteca Nacional. Passei em todos os exames dos Colégios Pedro II e de outro similar, e com o diploma foi possível, no ano seguinte (1966), fazer o vestibular e ingressar no curso de Biblioteconomia.

Entre na universidade com 25 anos de idade, maduro, depois de percorrer todo o Brasil, as Guianas, o Uruguai e a Argentina. Escrevia em jornais, redigia peças de teatro, poesias, ensaios. Foi quando percebi que sem um diploma universitário seria quase impossível seguir uma carreira literária, sem uma base acadêmica e uma estabilidade profissional.

Manucho, que era o meu exemplo, um erudito, fizera estudos na Inglaterra, na França, era um jornalista respeitado, era um escritor consagrado e não tinha um diploma universitário... Exceção. Eu vinha de uma família arruinada, sem apoios de qualquer tipo, e achei por bem assumir todas as responsabilidades, inclusive a de voltar aos bancos escolares. Perspectiva que abominava, que eu julgava ultrapassada pela minha experiência de autodidata. Comecei tudo de novo, com humildade.